

Passarinho admite que crise poderá antecipar eleição

15.11.84

Passarinho, Jarbas Passarinho
Governo e da ausência de condi-
ções para o debate.

O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), inclui, entre os argumentos que usa para defender o mandato de cinco anos para o



presidente Sarney, a convicção de que uma eleição presidencial no próximo ano tende a aumentar o déficit público do País, com a utilização de recursos oficiais — dos Estados e da União — na campanha eleitoral.

Mesmo que pessoalmente continue adepto dos cinco anos, Passarinho admite que o País está vivendo uma situação de ingovernabilidade e que isso poderia levar a uma "reconsideração do dado específico em si". Segundo o senador paraense, "o Presidente está sitiado pelo PMDB e não tem força para governar".

"O PMDB não aceita ser Governo. Aceita estar no Governo, desfrutar de mais de dois terços do ministério, não se declara responsável pelo Governo nem assume a responsabilidade por isso. Tal comportamento do PMDB torna difícil inclusive o exercício da oposição. A gente faz um discurso contra o Governo e não aparece ninguém para defendê-lo".

Embora presida um partido nominalmente oposicionista, Passarinho reconhece que o Governo está sem oposição parlamentar, "exceto aquela que é ideológica" e que isso decorre da falta de uma base de sustentação política do

O mandato

O Presidente do PDS explica que é pelo mandato de cinco anos porque sempre considerou esse período como melhor para se administrar o País, do que é exemplo, na sua opinião, os governos Dutra e Juscelino. Sendo pela "regra geral" dos cinco anos, não vê como dela excluir o presidente Sarney, mesmo sendo o atual Governo definido como de transição.

"Além disso, uma eleição dessa natureza vai provocar, inevitavelmente, o agravamento do déficit público, porque o erário vai funcionar. As pressões sobre o Governo Federal e sobre os governos estaduais serão enormes, como são comuns nas eleições que se realiza no País. Mais uma razão para eu querer cinco anos".

Passarinho continua defendendo a preservação do sistema presidencialista considerando que a adoção do parlamentarismo resultaria em nova frustração para os brasileiros.

"Temos vivido de falácias e ilusões. Ano passado, pensava-se que, com a convocação da Assembleia Constituinte, iríamos ter os gêneros de primeira necessidade à nossa disposição, preços baixos, queda da inflação e a economia organizada. Está provado que Constituinte não é essa 'mistificação'. Passa-se agora à tentativa de eleição direta em 88 e a essa onda parlamentarista e isso também não vai resolver os problemas do povo".

O senador paraense define o parlamentarismo como "uma febre da qual, passada a empolgação, todos vão se arrepender".